

DEVIR MILITANTE E MILITÂNCIA DO DEVIR

Leonardo Moreira

Ainda em São Paulo, mês de julho, sensação térmica de 0º graus Celsius, o telefone celular toca, estou aqui no exercício da paciência no trânsito burocrático da Avenida Rebouças, inacreditável como se consegue abarrotar essa avenida pelas madrugadas, minha mão esquerda que sofrera luxação está tesa por conta do frio, mais uma vez a repórter querendo saber se nosso encontro está de pé para o dia seguinte, ela tem um inglês bem peculiar, canadense, morou em Londres e lecionara na Índia, Pamella Jhames, historiadora de ciências humanas por formação, não vou atender agora, a lua está linda lá no alto por entre essa neblina que por segundos transmuta-se em garoa, na faixa ao lado um motoqueiro para, levanta a viseira do capacete e uiva alto olhando para a lua, seu uivo paira sobre o casal de artistas (creio que peruanos) que se apresentam perante o sinal vermelho, artistas ciganos, mambembes, entrecruzando as espadas que anunciam um beijo final, que une a guerra e a morte ao desejo, verde o sinal abre, parece que passou um pára-brisa na cidade ao toque da gaita de Bob Dylan, o céu abriu, o trânsito seguiu o fluxo frouxamente me levando quase sem querer àquele restaurante palestino, aqui jantarei e posso retornar a ligação para Pamella, oi! Boa noite, um *Da Jannah* e uma cerveja, sigo viagem, o carro estaciona no aeroporto de Guarulhos, a garoa volta com pompa de garoa, encerro a conversa na qual o motorista acabara de relatar o quanto tem que “ralar” pra fazer valer esse trabalho para um patrão que é um aplicativo de celular, ele ri, ri alto, e depois conclui com ar de impotência: - *é foda!* desço do carro, após passar para deixar as malas no guichê sento-me num café e peço um mate, a moça sorri, Pamella novamente envia uma

mensagem (via Whatsapp), *okay* – respondo –, estou a caminho, amanhã nos vemos em Recife, recebo o mate e passo a vista sobre a revista na qual Pamella trabalha na sede que fica nos arredores de Paris, *Magazine Philosophie expérimentale*, N. 107, dossiê sobre a relação dos filósofos franceses com o maio de 68 parisiense, penso o quanto esse tema porta de inesgotável, não pelo que encerrara naquele período, mas pelo que toca ao devir mesmo das relações sociais com a política, fecho a revista, lembro das várias colocações de Deleuze sobre o maio de 68, paro, penso ainda na situação atual do Brasil, do esgotamento quase completo das forças de resistência, um deserto, um deserto no qual se ouve e se dança samba, como numa cena de Glauber Rocha, *falta o povo* para dançar o “Parangolé” de Oiticica, meu olhar paira novamente sobre a capa da revista, sobre a fotografia de uma pichação em um muro parisiense que, traduzindo-se *grosso modo* quer dizer: *a revolução se faz com um caralho*, e essa jornalista que está vindo de Istambul, onde fora realizar o lançamento dessa última edição da *Magazine*, como diabos conheceu o Daniel? coisas inusitadas, e ele é um dos três autores considerados para o número do qual participei, o mais intrigante foi o modo como ela propôs a entrevista comigo (pois muito provavelmente Daniel recusara ser entrevistado) e o modo de como essa será executada, eu sempre acostumado com todas as esquisitices, fico desconfiado, mas aceito, não dá para negar, tenho que ir, mesmo sendo em Pernambuco, entro no avião, fecho os olhos, durmo, abro-os, acordo já com o sol forte tão conhecido do nordeste, faço uma refeição numa lanchonete, chego no quarto do hotel, após descansar penso sobre a entrevista que, pelo que entendi, ocorreria de vários modos, ela defende uma aproximação entre o entrevistado e o entrevistador para que haja uma comunhão mínima um entendimento, ela quer a escrita a voz os gestos, o olhar, a respiração, lembro de um texto no qual Pasolini fala sobre a entrevista, sobre o caráter da gestualidade que se perde numa entrevista escrita ou gravada apenas em áudio, são níveis e níveis de entrevistas e conversações, dentre as propostas de Pamella há o pedido de um texto, enquanto penso neste vou checar a rede social, e para surpresa minha, dentre as primeiras postagens que vejo leio uma de Daniel, eis o que ali foi postado:

“Estamos na vergonha e no intolerável:

Temer, seus acólitos e o silêncio generalizado dos cordeiros levados ao Pelourinho...

– ele cita Gilles Deleuze – ‘Tentam nos fazer acreditar numa reforma [...] quando se trata de uma liquidação’ [Gilles Deleuze. *Conversações*, Ed. 34. p. 216];

‘– Diz-se que as revoluções têm um mau futuro. Mas não param de misturar duas coisas, o futuro das revoluções na história e o devir revolucionário das pessoas. Nem sequer são as mesmas pessoas nos dois casos. A única oportunidade do homem está no devir revolucionário, o único que pode conjurar a vergonha ou responder ao intolerável [idem; p. 211]’;

‘Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento [não que os mesmos ainda não persistam], mas por controle contínuo e comunicação instantânea [...] Num regime de controle nunca se termina nada [idem; p; 216]’”

ao terminar de ler a postagem recorde do início de um artigo (“Sujeitos e devires”) de Daniel publicado no livro do evento intitulado “Nietzsche Deleuze – Pensamento Nômade”, onde ele escreve: “De fato, o eu-déspota, mediante a lógica da denegação, nutrida pelo imaginário enganador e pela ética niilista, instaura uma ordem moral, isto é, um assédio moral, um niilismo ordinário nefasto às subjetividades autônomas, à criatividade e à própria vida” ¹, e mais adiante questiona: “O que fazer, além de constatar o desastre?” ², seria uma saída “*Inventar* uma outra moral de vida que supere a moral da verdade” ³? O fundo da verdade ecoa no político, desde Platão a verdade da Ideia, como bem percebera Deleuze, é a mesma que dá a justa medida para a cidade, para a seleção dos bons pretendentes, a epiderme de golpe, de guerra, de assédio geral, falseia uma verdade e um *bem*, e claro, para falsear um bem necessita forjar um mal, a partir daí pode-se pensar que a ética niilista é aqui a mesma que arrola o acordo total entre a instituição política – desejosa de um parlamentarismo que seria a realização do niilismo moral e a derrocada dos direitos sociais, trabalhistas etc. –, a instituição policial, os *mass media* e, claro, o judiciário... e o acordo, o qual contém em si a guerra de todos contra todos num parlamento lupino, se estende ao corpo político como um todo, e o que se vive é justamente esse assédio moral que sufoca e, por isso mesmo, conduz ao agir, ou se age ou se morre! em uma outra postagem recente Daniel escrevera:

“‘Dessublimação repressiva’ - Fotografia do Brasil atual: Sociedade repressiva, sociedade deprimida, mergulhada num mal estar generalizado. No presente contexto, não seria urgente e apressado exigir da vida muito mais do que ela se compraz a nos oferecer, em seu niilismo e preguiça crônica? Ação, em detrimento da reação ou apelo reacionário, imbuído na palavra reação... Para H. Marcuse,

¹ LINS, Daniel. “Sujeitos e devires: o corpo drogado”. In LINS, D. (Org.) *Pensamento nômade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 105.

² Idem, *Ibidem*, p. 105.

³ Idem, *Ibidem*, p. 105.

o conceito de 'dessublimação repressiva' permite compreender a dinâmica da sociedade contemporânea que, por um lado, possibilita uma maior 'liberdade' e 'satisfação' das necessidades, ao mesmo tempo em que, por outro lado, essa 'liberdade' atua 'como um poderoso instrumento de dominação, sendo absorvida pelo sistema, adquirindo a função de manipulação e controle dos indivíduos, de suas consciências, de seus desejos e necessidades'. Acrescente-se ainda o biopoder, o controle da vida através 'duma explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações', como escreve Foucault"...

Como, então, esconjurar o niilismo presente? na pressuposição de uma ação concomitante com o devir, uma ação *acontecimal*, no conflito entre uma sedimentação e outra, um *devir-revolucionário* entre o limítrofe de um corpo presente que expõe o mofo e as mágoas de uma revolução, outra mensagem no celular, agora um amigo falando-me sobre o convite para participar de um número da Revista *Lampejo*, e aqui me explico, estando comprometido com a entrevista para a *Magazine* me dispus a enviar o relato geral do encontro com Pamela que resulta neste agora por vós lido, pois estaria em acordo com o universo *linsiano*, mas, o que Daniel (pela via deleuzeana) quer dizer parece que a esquerda não entendeu, nem na Europa nem por aqui, o devir das relações que explodem de maneira revolucionária, a desarticulação atual da esquerda brasileira e dos movimentos em geral talvez se deva justamente à isso, falta o devir, falta a compreensão do devir, falta o jogo do devir, como falta também o *povo*, e este falta na ausência do devir, pois só é na plenitude do devir, depois se esvai, vira rebanho, gado, massa de manipulação que sufoca pequenos desejos no rés da cultura, enquanto se pensa na identidade, essa arma dúbia, o devir revolucionário esquiva-se da segmentação, mas o que fazer? quando, num niilismo que parece ressurgido com a força implacável do Leviatã, o saque é econômico e subjetivo, e assim o devir é macaqueado num riso frouxo, numa comédia que camufla o entorpecimento, uma ação perante o controle, uma ação com os corpos, mas onde estão os corpos, a que ponto a subjugação dos corpos, pelo controle, subsumiu o corpo social, sua subjetividade? Ao ponto de o filósofo que fala para as massas confirmar solenemente a derrocada, a derrocada, e meus olhos que deitados estavam sobre o tapete do hotel, que imitava um quadro de Mondrian, escalam um salto alto vermelho, chegam à linha tênue da meia que cobre as pernas de uma mulher, olho-a nos olhos verdes, pele branca, cabelo comprido, batom vermelho, ela está sentada à minha frente, solta a fumaça do cigarro em minha direção, levanta e vai até o bar, volto para o quarto do hotel onde esqueci o telefone celular, sem mensagens ainda de Pamela, Deus! que calor é esse? Um bom banho, um chá, deito, sonho e ela está lá ao meu lado, salto

vermelho cigarro de filtro longo, novamente no saguão do hotel, repentinamente estamos próximos ao pegarmos as taças numa bandeja ela me pergunta, depois de quaisquer palavras e apresentações, se sou simpatizante do partido operário, brigada vermelha ou coisa que o valha, falo para ela que nunca votei na verdade em nenhum partido mas que estaria num horizonte mais à esquerda, se assim poderia se dizer de uma espécie agitada de traça de livros, ela me olhava com desprezo e crescia, e crescia, eu estava dentro da taça de vinho dela, ela me olhando dizia: sou *folk*-bolsonarista, armamentista do bem, e aproximava a taça da boca, a taça era de cristal fino e eu ali pequeno olhava por sua garganta milhares de televisores, estava atônito, não acreditava que ia morrer assim, e bebeu-me linda, era a mesma Gradisca de sempre, fascista, bem exposta ao mundo por Magali Noël, o “Grito” de Munch encarna o meu, acordo suado, com as cores ainda reluzindo e beliscando meu corpo, uma baba no canto da boca, passo a mão no rosto que pingava de tão suado, outro banho, roupa clara, um cigarro e sigo para o saguão, vejo a moça de novo e penso, *oxalá tudo não seja sonho*, leio a mais recente mensagem de Pamella, suas mensagens iam ficando cada vez mais codificadas, devo ir para o Recife Antigo encontrar alguém da equipe que me conduza até ela, uma outra mulher forte e grande, de óculos escuros e traje fino, Meruza de poucas palavras, fez-me entrar na Van preta, não consigo ver para onde vamos, desço da Van, quase uma hora depois, um pouco tonto, Meruza dirige rápido nas curvas, sei que estamos longe, longe do centro histórico, quase longe de Recife, Meruza aponta para o portão cinza de ferro espesso que deveria ter uns seis metros por três de altura, chegando no portão ouço o barulho magnético e ele é destravado, empurro-o e vejo um enorme galpão, uma luz fraca, uma penumbra lá no fundo, vejo um mezanino e lá em cima uma mulher acena com a mão, nos apresentamos e sentamos, perguntei o porquê do lugar e ela disse apenas que era discreta, inicia me perguntando: o que você não faria em um trabalho sobre Daniel Lins? Ao que respondo: fugiria, por um lado, do texto laudatório, e por outro, não entraria em querelas, em discussões, nisso somos bem deleuzeanos... o pensamento é direcionado, ou mesmo coagido, mais para criar e afirmar e menos para negar e contradizer, e quando se nega, se nega a besteira, a idiotia, a patifaria, Irrompe o barulho de um tiro próximo ensurdecido, dois! Três! Pamella grita e pula assustada, Meruza aparece na porta e faz uns gestos estranhos, Pamella atende o celular, acena para mim de longe, desculpa-se e corre... fiquei sozinho naquele galpão após os tiros, sem saber de nada ouço o cantar de pneus de um carro, a música, o funk que chega provavelmente com a *caranga*, “desce desce novinha...”, os pneus cantam novamente e as novinhas da música se vão, olho de um lado para o outro, a mesma penumbra, chamo um táxi rápido pelo

aplicativo e volto para o hotel, no quarto, sentado sobre a cama, fumando um terceiro cigarro acompanhado de uma cerveja os fatos me vêm em imagens soltas, a voz de Pamella, os tiros, a penumbra, Pamella me liga, a entrevista está cancelada, posso voltar para São Paulo, nos encontraremos lá, no avião já quase chegando no aeroporto de Guarulhos retomo o que estava pensando sobre a postagem de Daniel, a vontade de saltar sobre a inércia, essa relação com o devir é que parece que deve ser pensada no horizonte de um *pensamento do desastre*⁴ que formula na implosão do *um mesmo* (que mutilado sempre se reagrupa) o “um mesmo sempre em cio, um mesmo sempre grávido (...) um mesmo que em sua diferença encarna um povo que falta, sem representar, sem falar em nome dele”⁵, vou dormir o dia foi longo, e aqueles tiros?! Acordo olhando para uma carta que acabara de ser posta por baixo da porta, Pamella dizendo que chega a São Paulo semana próxima, aproveito o dia então para terminar de escrever o artigo que também fará parte da *Magazine* junto com a entrevista, o título é *L’univocité de la différence et la différence de l’univocité*, no qual tento abordar o que Daniel chamou de “escândalo do múltiplo”⁶ (na efusão *acontecimal* de *tantos mesmos*), ao considerar que “a *Diferença* e o *Um* se confundem e têm como objetivo reconstruir a imagem que nós fazemos do pensamento e das ideias”⁷, reconstrução essa que se dá num esforço contínuo da escrita e do agir, reconstrução que opera no desfazimento da representação, esta que age nas profundezas da consciência, mas para Daniel “a consciência é a perda do Um”⁸, o barulho das balas ecoou novamente, três tiros, fugir da representação do pensamento, e isso acho que muitos deleuzeanos não entenderam, não entenderam a busca do fundamento, anoitece, depois de duas noites frias, uma repentinamente quente anuncia o fim do inverno, o ronco das motos que rasgam a rodovia Raposo Tavares na região do Butantã, a gata pula sobre minhas anotações para o artigo, fiz um sinal para que saísse, mas antes, como retaliação a gata deslizou as unhas crescidas sobre o livro, sobre esse trecho que leio: “O que há de ‘novo’? Onde está a novidade, essa *novidade* enunciada? Em um domínio da atividade constituída, a criação desempenha o papel da instância de descentramento, de deslocamento em relação a esse domínio”⁹, o arcabouço conceitual que dá conta do ôntico estende-se ao campo do político, a gata Miúcha

⁴ LINS, Daniel. *O último copo- álcool, filosofia, literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 22.

⁵ Idem, *Ibidem*, p. 22.

⁶ LINS, Daniel. “Plotino e Deleuze: Univocidade e diferença”. In LINS, D. (org.). *Razão nômade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 7.

⁷ Idem, *Ibidem*, p. 7.

⁸ LINS, Daniel. *Lampião, o homem que amava as mulheres* (2ª Ed.). São Paulo: Annablume, 2011, p. 23.

⁹ LINS, Daniel. “Plotino e Deleuze: Univocidade e diferença”, p. 9.

mia por baixo da mesa, compreendido aquele campo de forma ampla, mas teríamos muitíssimas questões sobre a passagem do ôntico ao político, a semana voa, após novas coordenadas encontro com Pamella, ela estava com o braço enfaixado, sentada com os braços sobre a mesa com 'livros do Daniel, de longe ela pergunta: você fez várias dessas capas, não é verdade? ao que aceno afirmativamente, puxo a cadeira e sento, ela me explica que hoje faremos a parte da entrevista, um gravador, uma câmera suspensa no tripé, uma luz tênue como a do galpão nos arredores de Recife, antes de iniciar a gravar ela pergunta: você acha que a passagem de Daniel pela cidade de Fortaleza foi marcante para a produção filosófica local? *Eu*: Sim, *Ela*: Por quê? *Eu*: basicamente, digamos, porque ampliou e abriu novos horizontes de produção filosófica desvinculados completamente da relação incestuosa da filosofia local – em sua expressão impressa – com o fator teológico que era ainda basilar, *Ela* (com câmera e gravador ligados): em uma frase, como resumiria a expressão da vida-filosofia de D. Lins? *Eu*: como uma militância *do* e *pelo* devir e, nesse sentido, o excesso barroco na exaltação encarnada da força do *Pseudos*, *Ela*: as quase-verdades? *Eu*: a fuga da representação *in acto*, *Ela*: o elogio das mentiras, a sedução? *Eu*: dentre tantas outras coisas, mas não de forma tão simples, o elogio do *Pseudos*, ou melhor, sua *adequatio* não se formula em isonomia com a mentira que é o oposto dialético da verdade, há mais de *ingenium*, de trama, de delírio sóbrio..., *Ela*: como relacionar a força do *Pseudos*, ou como referendar o devir numa ordem mais palpável do político? *Eu*: a princípio, parece que a questão é de perceber a representação entre representantes e representados e não mais apenas entre os representantes, estes últimos devem na verdade passar por um deslocamento ou desempoderamento, não se trata apenas da concretude tomada nas instituições, cargos etc., mas do deslocamento *sígnico*, dos refazimentos da subjetividade, da compreensão de algo muito simples que é a inserção de si no signo, no jogo do político, a fórmula é simples, mas sua efetivação é o clamor desolado de muitos, conseqüentemente a fuga das representações, a qual deve inevitavelmente passar por uma *desalienação* em relação aos meios de mediação entre as necessidades e a produção destas, uma refração das instituições no sentido de diluição da representatividade, deve-se impulsionar o movimento do *Pseudos* na passagem do ôntico ao político, a dilatação do poder de decisão esfacela o signo da verdade representada, visando uma partilha concreta do sensível, mesmo sabendo de sua real instabilidade, e mesmo sabendo que o trabalho entre os devires e as instituições não são pontuais, são antes eventos que devem mais ou menos ser forjados numa linha de rupturas, *Ela* (impaciente): em termos mais concretos, como jogar uma luz sobre a relação real e sobre as possibilidades de um devir

revolucionário fora do plano conceitual, na vida? *Eu*: nesse sentido, sempre penso sobre o exemplo dado por Deleuze do maio de 68, existem situações que afloram os devires e eles explodem mesmo as convenções mais sólidas de um partido bolchevique, no Brasil poderíamos, num sentido inverso, pensar nos eventos de 2013 para não irmos tão longe, toda a falsificação de um devir que até englobara pequenos devires, mesmo se na astúcia de usá-los e redirecioná-los, falseando-os já na sua parturição, seria preciso, como diz Deleuze, “descrever o papel dessas máquinas de esmagar o desejo” ¹⁰, juntamente com outras ações que equacione os devires nas cesuras mais inertes dos grupúsculos sedimentados seja em partidos ou em outros segmentos do político, os quais não põem em movimento – para além da dialética ou da inatividade desta – a identidade ao ponto de perdê-la para devir uma unidade múltipla, a *rostidade* camaleônica do *um mesmo* no cio, *Ela*: então existem os dissidentes que portam o devir-revolucionário, são os detentores e propagadores do acontecimento? *Eu*: não, e Deleuze também nos dá essa resposta, o devir é uma potência desejante que não cabe nas determinações psicologistas nem em um sociologismo institucional que funciona à mercê de uma filosofia política também institucional e institucionalizada, *Ela* (sorrindo): uma anarquia? *Eu*: sim! a *anarquia coroada*, como retoma Daniel(-Artaud), no açougue catártico e surreal onde os cortes efetuados nas carnes têm suas notas sublimes e trágicas, alegres e explosivas na busca de “engendrar uma produção (...) numa espécie de encarnação de uma escrita crua, regada pelo sangue, pela saliva, pelo excremento: uma escrita fecal” ¹¹, uma militância da e pela carne que é plena de devir sem ausentar o espírito já não mais hierarquizado, sem gênero, ou experimentando-o ao acaso, para “elaborar conceitos grávidos de acontecimentos e trabalhar (...) no universo da contaminação (...) criando assim uma nova linguagem que cheira à vida” ¹², seu projeto confunde-se ou se encarna com o de Artaud e outros... *Ela*: então se pode contar com a interdição, na História, de um devir formulado, um acontecimento *historicizado*? *Eu* (abrindo um livro de Daniel que estava sobre a mesa, folheio-o buscando um trecho, acho-o): olha, como diz aqui o Daniel, “o acontecimento não tem relações com a história, que interdita uma infinidade de acontecimentos, mortificando-os, substancializando-o e distinguindo de direito o que é ou o que não é

¹⁰ DELEUZE; GUATTARI. “Sobre capitalismo e o desejo”. In DELEUZE. *A Ilha Deserta e outros textos*. Tr.br.L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 335.

¹¹ LINS, Daniel. *Antonin Artaud: O artesão do Corpo sem Órgãos*. (Edição revista e atualizada) São Paulo: Lumme Editor, 2011, p. 11.

¹² Idem, *Ibidem*, p. 12.

acontecimento”¹³, a substância no âmbito do ôntico gera o espelhamento das representatividades no campo do político, *Ela*: se não se pode apreender o acontecimento e, portanto o devir revolucionário na história, como se pode percebê-lo no maio de 68, por exemplo? *Eu*: são os momentos em que a racionalidade assume sua afetação no campo maior do irracional, do que foge, não apenas do que se opõe à razão, mas aquilo que simplesmente não é razão, e isso desnuda o irracionalismo do capitalismo, sua racionalidade demente, mas, sobre a captação sensível do devir, do acontecimento que irrompe no 68 parisiense, não se deve interpretar ou requerer antes de tudo uma *actio* imaculada, uma verdade limpa que paira e se aloja no desejo coletivo, na sincronia de ações libertas e libertadoras, não, não é necessário o homogêneo para a explosão *acontecimal*, mas um campo que, em conflito, possibilita o emergir do devir revolucionário, não é o *Χρόνος* mas antes o *καιρός*, os mesmos corpos que comportam ou que são perpassados em seu eu-coletivo desejante pelo acontecimento, são por vezes os mesmos que instauram a ordem num segundo momento, como bem pontua Guattari ao falar da “discussão de Victor com Foucault no número de *Temps modernes* sobre os maoístas. Victor consente nos excessos, mas no ‘primeiro estádio’. Quanto ao resto, quanto ao sério, Victor reclama-se de um novo aparelho de Estado, de novas normas, de uma justiça popular com tribunal, de uma instância exterior às massas, de um terceiro apto a resolver a contradição das massas. Encontramos sempre o velho esquema: o destaque de uma pseudo vanguarda apta a operar as sínteses, a formar um partido como um embrião de aparelho de Estado; extração de uma classe operária bem ensinada, bem educada; e o resto é um resíduo, *lumpenproletariado* de que é sempre preciso desconfiar (sempre a velha condenação do desejo)”¹⁴, *Ela*: ao retomar essa fala de Félix Guattari, você está pensando em sua realidade agora no Brasil? *Eu*: sim, sim, talvez mesmo inconscientemente, estamos afundados nisso, e é exatamente o nosso caso, tudo retorna ao Estado, o povo é aí um enunciado que serve duplamente, lembro de um amigo que acabo de conhecer, Chaves, que milita com agro-sustentabilidade com o movimento dos sem terra, ele reclama que não acha interessante, nas últimas manifestações “Fora Temer”, aquilo que se interpõe por trás das organizações que, por vezes diversas, transformam uma manifestação maior em um comício partidário, o Estado está ali, no olho do furacão, unificando também os desejos, não se pode dizer que a máquina tenha aí o mesmo fim da máquina de unificação neo-liberal (bárbara por excelência), mas há também um esmagamento dos desejos e, por conseguinte, da possibilidade

¹³ LINS, Daniel. *O último copo- álcool, filosofia, literatura*, p. 109.

¹⁴ DELEUZE; GUATTARI. “Sobre capitalismo e o desejo”, p. 336.

de explosão dos devires, estamos aqui no Brasil assim reféns dessa dupla aparelhagem, sem se perceber que seu espelhamento à esquerda é tão maléfico quanto aquele à direita, nesse momento, Pamella brincou levando seu braço esquerdo em direção à direita enquanto simultaneamente erguia o braço direito movimentando-o para à esquerda em ziguezague, seguindo os movimentos de um lado para o outro fiquei tonto e caí da cadeira, minha labirintite novamente, o mundo todo gira e para e eu giro em torno do mundo visual que me cerca, náuseas e vômito, o de sempre, Pamella não sabendo de minha labirintite se apavora e grita por Meruza, me conduzem ao Hospital mais próximo, agradeço, peço para que me deixem que de lá conduzo a situação, elas se vão recomendando cuidados, saio ainda tonto e sigo para casa, mudei recentemente para a Vila Gomes, no badalado ponto final dos ônibus entre uma igreja neo-pentecostal e uma casa de umbanda, vejo várias viaturas da polícia civil e federal, desço do táxi, um pouco melhor da tontura, eles estão à porta da minha casa, sigo na direção deles, uma policial federal me viu chegando e apontou para uma outra policial que parecia ser sua superior, esta fez apenas um sinal para que um outro policial viesse em minha direção, antes que este chegasse até a mim um policial civil veio do meu lado direito e me segurou, logo em seguida outro civil me segurou forte pelo lado esquerdo, o que está acontecendo? – perguntei –, os policiais civis não responderam, ao que me questionou firmemente o policial federal: o senhor é Leonardo Oliveira Moreira? Ao que acenei afirmativamente com a cabeça, ele mostra a sua carteira se identificando com um nome qualquer ao qual não conseguia entender e diz: o senhor está preso por formação terrorista e atentado contra a boa ordem do Estado brasileiro, pelas ações de sequestro de dois funcionários do Ministério Público de Curitiba, pelo atentado com carro-bomba em frente ao gabinete presidencial em setembro de 2016, por ter se aliado com terroristas para explodir o helicóptero no qual voava o senador o Sr. Aécio Neves em sete de setembro deste ano, pela invasão, juntamente com lideranças indígenas terroristas, do prédio da FUNAE e sequestro relâmpago do presidente desta mesma no mês passado, por fazer parte do assassinato do Ministro da Justiça, o excelentíssimo Sr. Gilmar Mendes, por distribuição de literatura contra o Governo do presidente Michel Temer, pelo desaparecimento do senador o Sr. Romero Jucá, por ter mantido o excelentíssimo juiz de Curitiba em cativeiro dentro de um galinheiro na região de Cotia na Grande São Paulo, eu ouvia isso tudo mas não conhecia os fatos, gostava muitíssimo do que ouvia e me alegrava, poderia até ser julgado feliz por tudo isso se de fato tudo isso ocorrera, é noite, acordo no táxi, olho o sinal amarelo, estamos na Av. Rebouças, faz frio, o celular toca